

Local: uma prisão holandesa.
Vítimas: um grupo coral convidado.
Autores: quatro condenados

«Vocês são reféns!»

EDWARD HUGHES

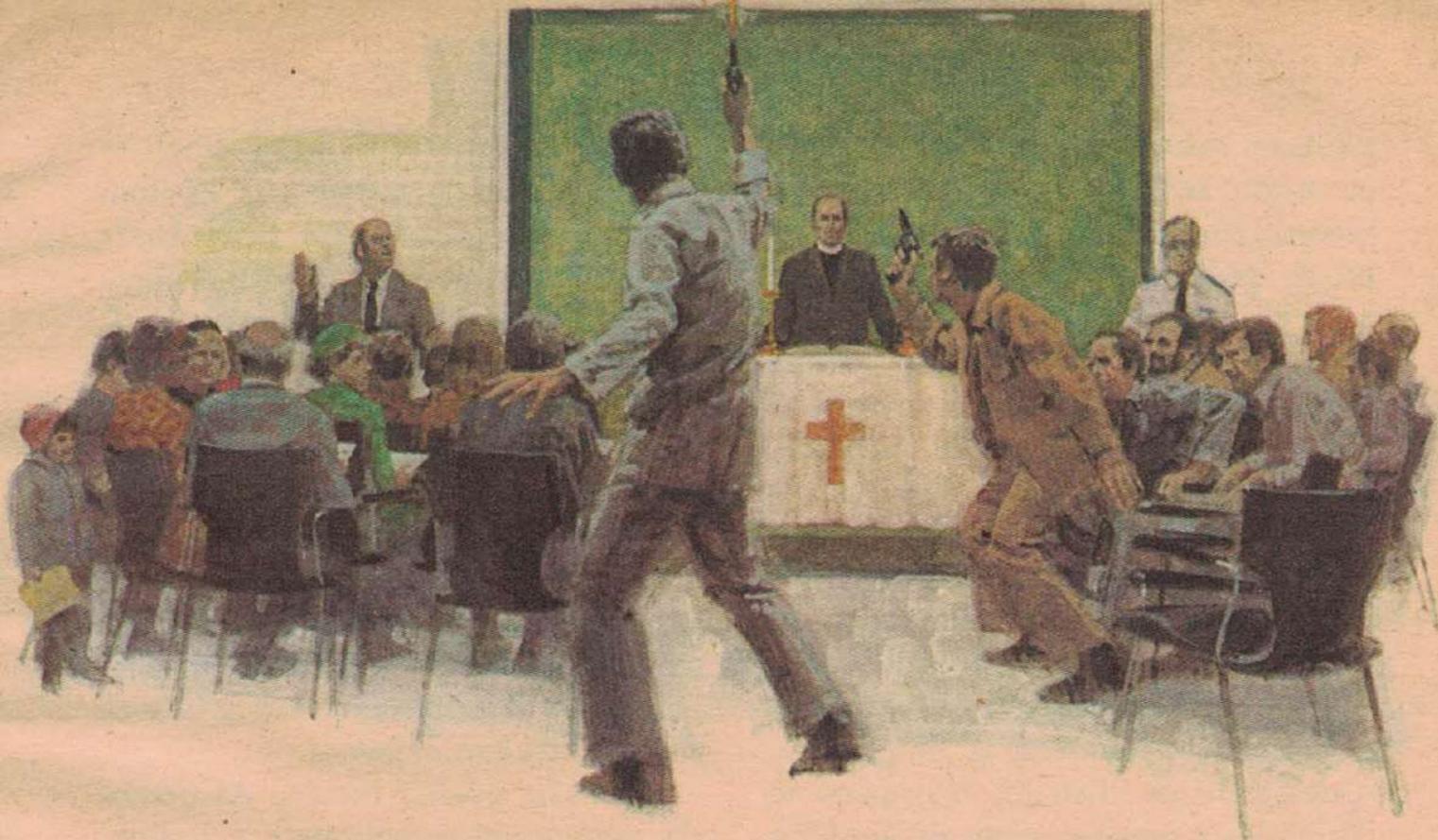
POR trás dos muros proibidos da penitenciária de Scheveningen, nos subúrbios da cidade holandesa de Haia, 13 dos mais perigosos presidiários da Holanda foram reunidos na capela para assistirem à missa de sábado à noite. Diante deles, estavam o capelão, padre Antonius de Bot, dois guardas e 19 fiéis, leigos católicos, membros de um coro que havia sido convidado para cantar na prisão, alguns deles fazendo-se acompanhar de crianças.

Subitamente, assim que o regente do coro ergueu a mão para dar início ao primeiro hino, dois condenados saltaram para a frente e dispararam suas pistolas para o teto. «Vocês são reféns», gritaram, ordenando que os cantores, os guardas e o padre se encostassem à parede.

Os dois bandidos armados eram Adnan Nuri, um seqüestrador palestino, magro e vigoroso, de 23 anos, que, oito meses antes, havia destruído

um avião de carreira em solo holandês, e Jan Brouwers, de 27 anos, delinqüente holandês incorrigível, que estava cumprindo sete anos de prisão por ter mantido sob seqüestro uma família de fazendeiros, depois de um assalto a um banco em 1973. Outros condenados que não haviam tomado parte diretamente na operação apressaram-se a abandonar a sala, mas dois ficaram, a fim de colaborar com os dois chefes armados; eram Daan Denie, companheiro de fuga de Brouwers no assalto de 1973, e Mohammed Koudache, condenado por roubo na Argélia.

Durante semanas, sob pretexto de cantarem hinos religiosos nas cerimônias dos sábados à noite, Nuri e Brouwers tinham discutido clandestinamente planos para fugirem da prisão. Acharam que a capela era o lugar ideal para iniciar a operação porque aquela sala retangular de tijolos seria relativamente fácil de



defender. Havia uma única porta, de aço e bem sólida, que conduzia ao corredor externo. As pequenas janelas das paredes laterais possuíam vitrais translúcidos e, como a capela também era usada para sessões de cinema, havia espessas cortinas cobrindo as janelas. Os guardas da prisão andavam desarmados; por isso, se os aprisionassem, não obteriam armas. Inacreditavelmente, Brouwers tinha conseguido receber duas pistolas do exterior e, no dia 26 de outubro de 1974, ele e Nuri realizaram a tentativa.

Brandindo as armas, berraram a primeira ordem, muito lacônica: «Queremos um *walkie-talkie!*» Assim que foi estabelecida a ligação pela rádio, Nuri exigiu que levassem para sua companhia Sami Tamimah, um árabe de 22 anos, hábil e astuto, orientador do seqüestro de avião de que resultou a prisão de todos. Cautelosamente, as autoridades holandesas ti-

nham mantido os dois separados, mas Nuri e Brouwers sabiam que necessitavam urgentemente de um líder mais capacitado do que eles para negociar a posse daqueles reféns e obterem a liberdade.

A medida que os bandidos davam as ordens, os reféns, aterrorizados, atropelavam-se nas cadeiras ou pelo chão; alguns choravam. Arnoldus (Nol) Kloosterman, guarda veterano de 47 anos, passeava calmamente por entre eles, dirigindo-lhes palavras de conforto. Nol estava particularmente preocupado com Constant van Limbergen, de 61 anos, que sofria de distúrbios cardíacos; também cuidava de Marie Pannekoek, praticamente imobilizada por uma artrite dolorosa. A Sra. Pannekoek tinha ido ali com a filha mais nova, a fim de ouvir o marido cantar, e subitamente vira-se prisioneira como os outros.

Os bandidos quebraram quase todas as lâmpadas, deixando a capela mer-

gulgada numa sinistra penumbra, e correram as cortinas negras sobre as grossas janelas. Aquele pequeno grupo de pessoas tornara-se um mundo à parte.

O primeiro alarme, dado pouco depois das 7:15 da tarde, tinha feito afluir à prisão dezenas de policiais. Daí a pouco, os holofotes começaram a varrer o lúgubre complexo de edifícios do século XIX; atiradores especiais tomaram posições em redor do muro de seis metros de altura. Autoridades civis também se apresentaram: o prefeito, o comissário da polícia, o delegado do distrito, o comissário da rainha. Compareceram igualmente o Procurador-geral do Sudoeste da Holanda (o calmo e dinâmico Barão Warmold van der Feltz); o psiquiatra distrital, Dr. Dirk Mulder, que havia entrevistado os bandidos com frequência, em testes na prisão; e o Dr. Johannes Jansen, jovem leitor de árabe na Universidade de Leiden, que servira de intérprete para Nuri, em 1974, durante o julgamento do seqüestro. Esse grupo de autoridades instalou um Centro de Emergência numa sala que ficava no corredor a menos de 30 metros da capela da prisão cercada. Pouco tempo depois, alguns técnicos montaram uma linha telefônica, a fim de complementar a ligação via *walkie-talkie* com Nuri e Brouwers.

Do Ministério da Justiça, Van der Feltz recebia ordens estritas: *Proteja os reféns, a todo custo!* No entanto, a não ser que as vidas dos reféns corresse perigo, tudo devia ser feito para se evitar que os marginais fu-

gissem. Se Brouwers e Denie tivessem êxito na fuga, isso iria estimular os outros presidiários da Holanda a tentarem o mesmo método. A força bruta só deveria ser usada como último recurso. Da mesma forma, o psiquiatra Dirk Mulder aconselhava um cerco feito com calma e sem pressas e, juntamente com os outros, estudou detalhadamente uma estratégia:

Primeiro, criar laços de entendimento entre captores e cativos. Em momentos de crise, pessoas amigas raramente se molestam umas às outras. Enviar baralhos e jogos.

Segundo, ganhar tempo. As demoras provocam insegurança e fadiga; isso poderia fazer com que se desvanecesse o entusiasmo inicial dos bandidos e se tornasse mais fácil capturá-los.

A princípio, os seqüestradores mantiveram-se arrogantemente confiantes. No domingo, permitiram que um médico fosse examinar o doente Van Limbergen, mas Brouwers explodiu de raiva ao ver um assistente do médico transportando um cardiógrafo. «Esse homem fora daqui!»

Entre esses momentos de crise, porém, o Centro de Emergência, sutilmente, foi minando a arrogância dos seqüestradores. Assim, quando Brouwers, muito excitado, gritou pelo *walkie-talkie* «Aqui vão mais algumas exigências!», Mulder respondeu-lhe: «Muito bem, Jan, mas, assim tão depressa, não, por favor! Deixe-me pegar um lápis.» Longos minutos se passaram, antes que aquele lápis fosse «encontrado» e Mulder voltasse a chamar novamente pelo aparelho.

O problema agora era inventar novos truques para ganhar tempo. Num ocasião, quando Nuri berrou zangado «Por que não me responderam sobre aquele pedido que fiz há quatro horas?», o intérprete Jansen replicou: «Desculpe! Pensei que você iria chamar de novo.» Como se estivesse pedindo desculpas, Nuri exclamou apenas: «Ah!»

Ao princípio da noite de domingo, os bandidos já tinham «amolecido» o bastante para soltarem cinco refêns, inclusive a Sra. Pannekoek, que mancava de uma perna. Essas pessoas trouxeram para fora informações muito válidas: alguns dos refêns estavam jogando cartas com os seqüestradores, e uma das crianças fazia desenhos a *crayon*, sob orientação do marginal Daan Denie. «Pode me chamar Tio Daan», disse o bandido ao menino.

A mulher de Denie, que fora autorizada a entrar na capela para uma visita, relatou que, depois de tantas horas praticamente sem dormir, os delinqüentes estavam cansados e discutindo uns com os outros por tudo e por nada. Declarou que seu marido pretendia render-se, mas receava a fúria de Brouwers. Para tirar proveito disso, e valendo-se das desavenças e da insegurança que já reinava entre os bandidos, quando Denie voltou a pegar no *walkie-talkie*, o psiquiatra Mulder comentou: «Que pena você ter feito isto, Daan! Já lhe faltavam tão poucos anos para cumprir! Mas agora...» Pessoas que estavam dentro da capela contaram mais tarde que Denie, naquele momento, não conseguiu se controlar e começou a chorar.

Ao longo de quase dois dias, o Centro de Emergência conseguiu ir adiando o cumprimento da exigência de que o seqüestrador Tamimah fosse levado para a capela. Nuri estava desesperado, pois necessitava da orientação de seu companheiro, mais esperto, e, por volta das três da tarde de segunda-feira, anunciou subitamente que iria começar a baleiar os refêns se o seu pedido não fosse atendido até às três e meia. «Quem é o primeiro?», perguntou Nuri. O padre De Bot respondeu: «Se tiver de ser alguém, serei eu.» Então, Nol Kloosterman calmamente deu um passo em frente. «Eu tenho responsabilidade aqui dentro.» Com os outros refêns alinhados de rosto para a parede, o guarda avançou para o meio da sala, cruzou os braços e esperou.

À medida que os minutos passavam e o rádio continuava calado, os refêns, aterrorizados, mantinham-se de pé, hirtos, sem ousarem mover-se. Absolutamente irredutíveis, Nuri e Brouwers caminhavam de um lado para o outro, de punhos cerrados. Finalmente, um pouco antes de expirar o prazo, o *walkie-talkie* deu sinal. Encostando ansiosamente o receptor ao ouvido, Nuri escutou. Então, de arma na mão, voltou-se para Kloosterman e... fez-lhe um sinal para se reunir aos outros refêns. As autoridades tinham concordado em deixar Nuri conferenciar com seu ex-líder fora da capela.

Tamimah, contudo, revelou-se relutante em se entrevistar com ele. Em seu idealismo, sentia-se humilhado porque Nuri se havia juntado a

criminosos como Brouwers e Denie. Quando Nuri se recusou a desistir da tentativa de fuga, Tamimah comunicou-lhe: «Deixo você entregue à sua sorte.»

Essa repulsa desorientou Nuri; ele e Brouwers, sozinhos, tinham de descobrir uma saída. Conversaram sobre o problema durante a noite de segunda-feira e, na terça, entraram em contato com o Centro de Emergência para apresentar a primeira série de exigências: um ônibus teria de ser levado até a prisão, e um Boeing 707 deveria estar à disposição deles no aeroporto de Schiphol. O resto do dia foi passado com astuciosos ardis para se ganhar tempo.

As oito horas da manhã de quarta-feira, Jansen chamou pelo *walkie-talkie*. «Bom dia, Nuri», saudou-o. «Hoje, as autoridades vão discutir os detalhes sobre o avião e o ônibus que você pediu.»

«Ótimo!», replicou Nuri, parecendo estar convencido de que, ao cair da noite, iria ter um avião para fugir.

O Centro de Emergência, porém, estava engendrando uma saída inteiramente distinta. Depois de três dias e meio de tensão nervosa, os delinquentes se mostravam apáticos; ouvidas pelo *walkie-talkie*, suas palavras pareciam, por vezes, mastigadas e suas exigências hesitantes. Mulder informou que, dentro de pouco tempo, eles teriam atingido um estado de completa exaustão em que seria viável utilizar-se a força.

Diariamente, uma companhia de elite dos fuzileiros da Marinha Real Holandesa, a B. B. E. (*Bijzondere Bij-*

stands Eenheid – Unidade de Combate Próximo), passava horas num bloco de celas não utilizadas, treinando exercícios para invasão da capela. Comandados pelo Major Roy Spiekermen van Weezenburg, os homens possuíam uma planta detalhada da capela, atualizada com informações fornecidas pelos reféns que iam sendo soltos. Estes, normalmente, deitavam-se ou sentavam-se ao longo do lado esquerdo da sala, enquanto os bandidos ocupavam o lado oposto. Uma equipe de comandos atacaria diretamente sobre os marginais, ao mesmo tempo que outros protegeriam os reféns do tiroteio.

Mas, como seria possível entrar pela porta de aço da capela, fechada a chave por dentro? Um plano para destruir a porta com explosivos foi rejeitado por ser muito perigoso. Grande parte da noite de terça-feira foi passada com o estudo de uma tentativa secreta, feita com o auxílio de peritos serralheiros, para se retirar a chave pelo lado de fora, de modo que a porta pudesse ser aberta com uma gazuca. Logo que essa tentativa falhou, tomou-se a decisão de cortar o aço com uma barra térmica de combustão: um tubo estreito e comprido, cheio de aço e arames de uma liga de alumínio, e depois ligado a um depósito de oxigênio. Quando inflamado, este aparelho vomita uma chama como um maçarico e funde o metal a uma temperatura de quatro mil graus centígrados, cortando rapidamente qualquer espessura.

Wim Christiaanse, Jr., filho do fabricante desses instrumentos, veio

às pressas de Rotterdam, com dois conjuntos de barras de combustão. Poderia a porta ser cortada em menos de dez segundos— o tempo que se supunha que os bandidos ficariam atônitos, desorientados pelo ataque de surpresa? Christiaanse exercitou-se numa amostra da porta e chegou à conclusão de que poderia cortar o metal em volta da fechadura em seis segundos. Então, o Centro de Emergência ordenou-lhe que treinasse com a Unidade de Combate Próximo.

O ataque foi marcado para as primeiras horas da manhã de quinta-feira, quando se sabia que os bandidos estariam descansando, o que, combinado com a sonolência provocada pela digestão dos alimentos da refeição, faria com que oferecessem a mínima resistência. Enquanto as tropas de assalto estivessem esperando e a porta começasse a ser cortada, outros fuzileiros, postados em volta da capela, quebrariam os vidros das janelas e apontariam suas armas para os seqüestradores. Para aumentar ainda mais a confusão entre os sitiados, as sirenes começariam a encher os ares com seu gemido plangente.

Depois da meia-noite, os fuzileiros, usando capacetes de aço e coletes à prova de bala, pegaram em suas metralhadoras e ocuparam posições. À hora zero, o serralheiro especializado introduziu o instrumento pelo buraco da fechadura e, durante quase um minuto, trabalhou habilmente e com calma para retirar a chave que estava metida por dentro. Não teve sorte.

Precisamente às 3:49 da madrugada, o Major Spiekerman ligou seu

rádio e gritou: «Bingo!» Dentro de segundos, Christiaanse estava junto da porta, com a extremidade de sua barra térmica vomitando uma chama branca. Então, para desânimo geral, a chama enfraqueceu... e se apagou! O longo tubo flexível de ligação ao depósito de oxigênio tinha-se dobrado e havia cortado a passagem do gás. Spiekerman praguejava, enquanto Christiaanse se esforçava para acender de novo o maçarico.

Nessa altura, as sirenes já estavam guinchando, com seu som sinistro. Para maior confusão, Spiekerman havia ordenado a um de seus homens que começasse a atirar na porta de aço. Dentro em pouco, Christiaanse estava de volta. Desta vez, não teve qualquer dificuldade; a chama do maçarico arrancou a fechadura e, segundos depois, uma dezena de fuzileiros penetrava pela porta aberta. Na escuridão, seqüestradores e refêns corriam ou rastejavam na maior confusão. Então, um dos homens lançou uma granada incandescente para um canto, e toda a sala se iluminou com uma luz brilhante.

Soldados que haviam penetrado pelo lado direito agarraram rapidamente Nuri, perplexo, pois tinha estado dormindo num canto. À esquerda, Brouwers precipitou-se sobre um refém indefeso e se escudou nele para se proteger, disparando a pistola contra as janelas. No entanto, quando os fuzileiros chegaram perto dele, deixou cair a arma e se rendeu. Os outros dois bandidos, desde o início da invasão estavam com as mãos ao alto, suplicando: «Não disparem!»

Depois de 105 horas, a odisséia de Scheveningen chegara ao fim. No pátio da prisão, uma multidão de policiais e outras autoridades, mortos de cansaço, aplaudiram os reféns, quando estes lentamente iam saindo da capela, uns chorando, outros rindo de alegria. Todos os que, na Holanda, acompanharam o drama pela televisão suspiraram de alívio, porque o incidente não sacrificara vidas de inocentes e todos os bandidos tinham voltado para a prisão.

A SOCIEDADE moderna, com toda a sua tecnologia, por vezes parece ine-

ficaz contra o delinqüente armado (seja ele um criminoso comum, um louco ou um terrorista político) que se aproveita de reféns inocentes para conseguir seus intentos. Em Scheveningen, uma sutil combinação de paciência, engenho, psicologia e força do povo holandês constituiu um modelo da melhor técnica até agora usada para enfrentar este tipo de crime.

Há apenas um senão em toda esta história: três semanas depois, Adnan Nuri e Sami Tamimah alcançaram a liberdade, a pedido de quatro seqüestradores que assaltaram um avião da British Airways no Oriente Médio.



DEPOIS de trabalhar em rodeios durante muitos anos, um *cowboy* resolveu se aposentar. Quando lhe perguntaram a razão, respondeu: «Minha memória melhorou com o tempo. Comecei a me lembrar de como doía cair do cavalo.»

— G. G.

AUGUNS jornalistas que visitaram Pequim dizem que um dos empregos mais difíceis na China é o de datilógrafa. Uma máquina de escrever chinesa costuma ter mais de 7.100 caracteres. Se uma datilógrafa consegue bater 20 palavras por minuto, pode ser considerada rapidíssima.

— *Funny Funny World*

A ÍNDIA tem uma das maiores indústrias cinematográficas do mundo. Seus produtores realizam mais de 400 filmes por ano. A procura é tão insaciável que os estúdios operam num sistema de rodízio e não ficam fechados nem um dia por ano. Os cinemas abrem às nove da manhã.

— M. T. M.

O PEQUENO Luxemburgo está enfrentando um dos maiores problemas de desemprego em sua história; no ano passado, esse índice cresceu 550%. Em números concretos, a situação é a seguinte: no começo de 1974, havia duas pessoas desempregadas; no fim do ano, esse número tinha subido para 11.

— N. A.